

INCLUSÃO E DESCOLONIZAÇÃO DA CAPOEIRA A PARTIR DE MULHERES CAPOEIRISTAS

DRA. MAYRIS DE PAULA SILVA

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

DRA. NORMA SILVIA TRINDADE DE LIMA

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Professora Livre Docente da Faculdade de Educação
da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Resumo | Este artigo é um recorte de uma tese de doutorado em educação. A partir de memórias de mestras de capoeira no Estado de São Paulo, com destaque para os seus percursos formativos/educacionais, problematiza-se a produção de ausência de mulheres na historicidade da capoeira, reconhecida como um patrimônio cultural imaterial do Brasil e da Humanidade (Iphan, 2008; Unesco, 2014). Valendo-se da *pesquisaformação* narrativa (auto) biográfica e de perspectivas feministas, inclusiva e decoloniais, afirma-se a relevância de se criar condições de escuta e visibilidade às experiências femininas na capoeira. Conclui-se que o protagonismo feminino na capoeira tem potência para deslocar e enfrentar a colonialidade de gênero que invisibiliza e violenta a existência de outros corpos não masculinos.

Palavras-chave | Mulheres; Capoeira; Educação

INCLUSION AND DECOLONIZATION OF CAPOEIRA FROM FEMALE CAPOEIRA PRACTITIONERS

Abstract | This article is an excerpt from a doctoral dissertation in Education. Based on the memories of female capoeira masters in the State of São Paulo, with a focus on their educational trajectories, it problematizes the production of absence of women in the historicity of capoeira, recognized as an intangible cultural heritage of Brazil and Humanity (IPHAN, 2008; UNESCO, 2014). Using (auto)biographical narrative research and feminist, inclusive and decolonial perspectives, it affirms the relevance of creating conditions for listening and visibility to women's experiences in capoeira. It is concluded that the female leadership in capoeira has the power to

displace and face the coloniality of gender that makes invisible and subject to violence the existence of other non-masculine bodies.

Keywords | Women; Capoeira; Education

INCLUSIÓN Y DESCOLONIZACIÓN DE LA CAPOEIRA A PARTIR DE LAS MUJERES CAPOEIRISTAS

Resumen | Este artículo es un extracto de una tesis doctoral en educación. A partir de las memorias de maestras de capoeira del Estado de São Paulo, con énfasis en sus trayectorias formativas/educativas, discutimos la ausencia de las mujeres en la historia de la capoeira, reconocida como patrimonio cultural inmaterial de Brasil y de la Humanidad (IPHAN, 2008; UNESCO, 2014). A partir de la investigación formativa narrativa (auto)biográfica y de perspectivas feministas, inclusivas y decoloniales, afirmamos la importancia de crear las condiciones para escuchar y dar visibilidad a las experiencias de las mujeres en la capoeira. Se concluye que el protagonismo femenino en la capoeira tiene el poder de desplazar y enfrentar la colonialidad de género que invisibiliza y violenta la existencia de otros cuerpos no masculinos.

Palabras clave | Mujeres; Capoeira; Educación

ABRINDO A RODA

Este artigo é um recorte da tese de doutorado, “Educação com as mãos no chão: um princípio formativo a partir das memórias de mulheres mestras de capoeira no Estado de São Paulo” (Silva, 2023). O escopo teórico-metodológico perspectiva a descolonização dos saberes e corpos, viabilizando outras chaves de compreensão do mundo que problematizam uma única história ao invisibilizar e subalternizar grupos e experiências sociais que diferem ou se distanciam do padrão hegemônico e normativo imposto pela colonialidade, capilarizada na vida social. O processo de construção de conhecimento, no estudo, tensiona referências e discursos coloniais, racistas e patriarcais naturalizados por um colonialismo epistêmico. Categorias analíticas ancoradas na noção de (de)colonialidade nos permitem compreensões e intervenções que questionam, transformam e (re)constróem experiências e cosmovisões outras.

O conceito de colonialidade, discutido pelo grupo Modernidade e Colonialidade (M/C), problematiza a geo-ego política de conhecimento que retroalimenta a episteme eurocêntrica e os rastros da colonização impostos à América Latina. A colonialidade enquanto um padrão de poder que opera numa lógica capilarizada e multifacetada no tecido e dinâmicas sociais, deve ser compreendida de modo interseccionado (Bernardino-Costa; Maldonado Torres; Grosfoguel, 2019). Legado do colonialismo histórico, envolve diferentes âmbitos da vida subjetiva e social, compreendido como a colonialidade do poder, ser, saber e de gênero.

Lugones (2008), amplia e discute a colonialidade de gênero a partir da intersecção entre raça, classe, gênero e sexualidade. Permite visualizar que mulheres negras e não brancas (*mujeres de color*) são vítimas da colonialidade. Sua argumentação situa-se na tradição do pensamento de mulheres de cor que têm criado questionamentos ao feminismo ocidental-moderno, que muitas vezes ignora as relações entre raça, classe, gênero e sexualidade. Essas análises críticas e interseccionadas se baseiam em um feminismo decolonial, descolonizador em resposta ao feminismo branco hegemônico.

A perspectiva decolonial permite compreender histórias, memórias e experiências sociais que foram apagadas/silenciadas e produzidas como ausentes. Nesse sentido, tanto o referencial teórico como a metodologia de pesquisa adotados, ensejam modos outros de (re)conhecer e identificar a participação de mulheres na capoeira, a partir de narrativas produzidas por seis mestras de capoeira acerca de seus processos formativos. Pois, a capoeira, apesar da potência para se libertar dos traços da colonialidade, ainda reitera discursos, práticas coloniais e sexistas em que se faz (de modo consciente ou não) de tudo para negar e/ou invisibilizar a presença e a participação de mulheres na história de luta e resistência, produzindo uma memória - masculina e viril - no universo da capoeira como uma única história a ser contada (Adichie, 2019).

JOGANDO COM A CAPOEIRA

A roda de capoeira é meu alimento, a capoeira é o meu alimento, é o alimento interior, não é esse alimento que a gente come, mas é a minha alma, eu me alimento da capoeira, ela é a minha segunda pele, sem a capoeira eu não seria o que eu sou e sem capoeira eu não existiria e não faria o que eu faço hoje (Narrativa 3)¹.

Para quem deseja pesquisar o universo da capoeira, o que se encontra é vasto. A arte possui registros que ilustram e documentam o seu desenvolvimento desde o século XVIII, assim como as múltiplas formas de ensino e aprendizagem desempenhadas por seus praticantes, mestres, contramestres, professores, instrutores e alunos, cobrindo um amplo território nacional e internacional (Brasil, 2007).

A capoeira é gíngua, corpo, olhar, movimento e reverberações de experiências ancestrais (re)vivida e atualizada por seus participantes. A experiência da capoeira não está acabada, a capoeira é viva e se (re) inventa constantemente (Lima; Mendes; Fernandes, 2020).

Outro destaque importante, em 2008, a Roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres foram registrados como patrimônios imateriais culturais do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Para tanto, houve a necessidade de uma pesquisa documental que sistematizasse a historicidade da capoeira para o tempo presente, de modo a assegurar e legitimar que a prática da capoeiragem fosse registrada como patrimônio imaterial.

A capoeira como um bem cultural preserva a memória coletiva de um tempo histórico, que se atualiza por meio das práticas de seus e suas detentoras. Considerada como patrimônio vivo, pelo modo de transmissão oral, a memória, os saberes, a musicalidade, os ritos e rituais são ensinamentos que salvaguardam, revitalizam e difundem o acervo cultural afrobrasileiro por meio das práticas e das rodas de capoeira.

1. Selecionamos excertos das narrativas das mestras de capoeira em que fazemos diálogos com as discussões apresentadas neste artigo.

O registro não é suficiente para salvaguardar as manifestações culturais, mas uma etapa necessária para fomentar um planejamento, em princípio, que crie políticas públicas para os seus e suas detentoras desse saber.

Como recorte da pesquisa, realizamos uma breve análise do documento “Dossiê. Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil” (Brasil, 2007), que ao apresentar a história da capoeira, de sujeitos que disseminaram a capoeira, também nos permite identificar a invisibilidade das mulheres na narrativa desta constituição histórica e cultural da capoeira, não sendo representadas e nem relatadas como mestras de capoeira, ou mesmo como participantes.

Em registros históricos apresentados pelo documento, a presença da mulher é reproduzida como alguém que está presente, mas não participa do jogo. O documento é composto por dezessete entrevistas de mestres de capoeira, todos os mestres homens.

Ao analisarmos o Dossiê, verificamos que a capoeira é representada como praticada e vivenciada exclusivamente por homens. Entendemos que o documento é datado, destacamos a sua importância na condução de tornar a capoeira patrimônio cultural imaterial do Brasil e da humanidade, mas nem por isso devemos deixar de fazer a crítica em relação à maneira como as mulheres não estão representadas na memória da capoeira e de como essa invisibilidade se materializa em documentos e discursos ao longo do tempo.

OUTRAS NARRATIVAS EM JOGO

Sabemos da crescente participação de mulheres na capoeira, mas não as encontramos em documentos ou em falas e imagens com tanta facilidade como se encontram registros em detalhes sobre a atuação e a presença masculina na capoeira, assim como em diversos campos sociais.

A invisibilidade torna-se peça-chave dos discursos coloniais, de modo a posicionar pessoas, a subalternizar representações, a fabricar memórias e produção de ausências, fazendo com que homens e mulheres

sejam marcados pela colonização epistêmica, reiterada pela lógica-dispositivo da colonialidade de gênero, saber, poder e ser em suas práticas, experiências e processos educacionais/formativos.

A narrativa, abaixo, destaca a naturalização do machismo como prática cotidiana de dominação presente nas rodas de capoeira, assim como no cotidiano da vida social. A pequena roda torna-se local de representação da grande roda (Araújo, 2017). E, na atualidade, a roda de capoeira é percebida também como lugar de (re)produção de enfrentamento feminino como jogo (ou não) de capoeira.

E ao longo do tempo eu vi muitas dessas mulheres saindo da capoeira, isso é uma coisa recorrente, as mulheres vão parando por mil e um motivos, nós sabemos que tem os machismos de todo dia que acontecem na sociedade, e dentro da capoeira acontecem também (Narrativa 6).

Outra narrativa aponta para a discussão importante sobre a presença/ ausência de mulheres na capoeira.

O garoto me falou que somente os homens podiam fazer capoeira, mulher não podia fazer capoeira, no caso eu menina não podia fazer. Eu tinha o cabelo bem grandão, tinha uma cabeleira. Comecei a pensar, como é que eu poderia jogar capoeira? Eu fugi da escola, cheguei lá e me apresentei. O mestre olhou para mim e falou assim: Não sei não, você tem cara de menina. Os caras falaram assim, mas todo mundo tem cara de menina, é moleca, isso aí tem estilo de menino. Quando eu me apresentei, estava sem camiseta e de calça comprida. Eu tinha um moletomzinho que sempre usava. O cara achou que eu era um menino. Fiquei toda feliz. Eu realmente comecei a fazer capoeira como menino. Eles me tratavam como homem, naquele momento ninguém descobriu que eu era uma menina. Tinha nove anos quando eles descobriram, eu fiquei um ano com eles sem saberem que eu era menina (Narrativa 2).

Ao se vestir de menino, a narradora 2 demonstra que a presença feminina foi apagada/ silenciada e que somente homens se destacavam durante as rodas. Percebemos que mesmo “escondida” ela demonstra a sua destreza no jogo, de maneira que sua presença e participação só tiveram reconhecimento em um outro corpo ou imagem não femininos.

A narradora 5 nos conta como encontrou estratégias para garantir que sua presença fosse validada, se utilizou dessa condição para transgredir e marcar sua história na capoeira.

Eu sentia muito por não poder tocar o pandeiro na Praça, por não cantar e pensava sobre quando isso ia mudar. Em compensação, já que não podia pegar no berimbau, eu jogava muito a ponto de “enfiar o pau neles”, batia mesmo. Entrou na roda comigo apanhava, então eu fazia isso, eu era boa, eu tinha que fazer alguma coisa, jogava e não sobrava um em pé, nem homem e nem mulher. Assim eu fiz a minha história, se eu não podia tocar então eu batia, eu jogava, treinava (Narrativa 5).

Atualmente, com o protagonismo de mulheres na capoeira, suas memórias podem tornar-se visíveis ao se identificarem como integrantes e participantes dessa história.

Eu não sofri preconceitos intensamente porque o meu mestre sempre foi um cara que me pôs na roda, sempre disse: “A L é foda, ela é firme, ela joga firme como uma mulher” e aquilo mexia muito comigo, o que é jogar como uma mulher? Eu não preciso me masculinizar ou me vestir de homem, eu faço uma expressão fixa no rosto para jogar forte tanto quanto eles. Eu consegui entender isso de uma forma positiva, eu não precisava ser homem pra jogar capoeira bem, e com isso ser destaque, ser referência como sempre fui (Narrativa 1).

Estar nas rodas é um desafio. Presença e posicionamento tornam-se um enfrentamento e afirmação do protagonismo feminino. A narrativa 1 não viu limites para que pudesse se destacar com seu jogo, ser referência para outras mulheres. No entanto, outras narrativas indicam outros desafios.

NARRATIVAS DE MULHERES CAPOEIRAS: UM PERCURSO METODOLÓGICO CONSTRUÍDO EM RODA

O estudo, ao tratar da (não) presença de mulheres na capoeira no Estado de São Paulo, buscou conhecer, ouvir e registrar as narrativas de mulheres capoeiristas que seguiram um percurso formativo e educacional na capoeira, tornando-se mestras. Foram realizadas *entrevistas conversas* com seis mestras do Estado de São Paulo.

As narrativas compreenderam suas histórias de iniciação na capoeiragem e (re)significadas ao narrarem. Suas lembranças acionadas nos encontros narrativos nos contam enredos do passado que foram (re)vividas no tempo presente. Podemos pensar que seus relatos de infância

e juventude na capoeira são (re)construídos por suas ações subjetivas na atualidade (Bosi, 2012).

Destarte, a narrativa 4 nos demonstra uma breve (re)construção do passado com os “olhos” do presente.

Conheci a capoeira aos quinze anos de idade, na rua, com um colega que se tornou um amigo, chamado I. Ele foi um capoeirista, já fez a passagem, não está entre nós, mas foi um capoeirista muito conhecido na cidade de Campinas, e ele tinha um trabalho com a capoeira regional e, enfim, a minha história é engraçada. Ele jogava bola com meu pai, era colega do meu pai. Aí ele me viu numa pracinha brincando, fazendo acrobacias e me chamou para a capoeira, e dali eu fui me encantando, fui conhecendo e nunca mais deixei. Até hoje sigo na capoeira. Essas histórias que eu estou te contando têm mais de vinte e cinco anos, daqui a pouco vai pra trinta anos de história... (Narrativa 4).

A pesquisa biográfica tem como propósito explorar os processos nos quais as pessoas estão inseridas, buscando conhecer como o social influencia as relações de maneira singular em cada pessoa, no sentido em que esta realiza suas experiências (Momberger, 2012).

CONTINUANDO A GINGA: A EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

A educação inclusiva deve ser entendida de maneira ampla. Não se reduz a categorias fixadas em representações, atributos e/ou distinções de gênero, raça e/ou classe. A inclusão como princípio constitucional reconhece a diferença como direito e processo de diferimento em cada um de nós, não entre nós. Trata-se de singularidades em devires (Lima; Mantoan, 2017). Sua amplitude refuta qualquer binarismo, métrica, comparação e classificação de quem quer que seja.

A educação numa perspectiva inclusiva implica, reivindica e reconhece modos possíveis e plurais de ser, sentir, fazer e dizer. Essa noção como dispositivo tensiona a educação de viés colonialista, racista e patriarcal. Potencializa proposições e mudanças sociais e coletivas a partir das singularidades e experiências das pessoas inseridas no mundo e em relação uns com os outros (Lima, 2019).

A perspectiva da educação inclusiva oferece outras chaves de leituras de mundo, questionando narrativas impostas pela normatividade, colonialidade e colonialidade de gênero, vislumbrando a necessidade de uma educação (outra) pautada no direito à diferença.

FECHANDO A RODA

Nesse estudo, as narrativas de mestras de capoeira do Estado de São Paulo ao produzirem memórias de mulheres capoeiristas problematizam a perspectiva colonial, sexista e patriarcal presente ainda na capoeira e em saberes instituídos por uma virilidade masculina.

A partir dessa pesquisa, uma outra narrativa sobre a capoeira pode ser conhecida e escrita a partir de experiências e presenças femininas singulares. Uma nova linguagem construída por vivências e resistências, não mais um relato imaginativo e idealizado de mulheres, mas uma memória produzida por elas mesmas, contemplando suas experiências a partir de seus lugares e contribuições no mundo e na capoeira.

As perspectivas feminista, inclusiva e decolonial viabilizam outros modos de se fazer pesquisa e produzir conhecimento, ampliando espaços de escuta, visibilidade e legitimidade frente a saberes e experiências historicamente subalternizadas. Ademais, a *pesquisiformação* narrativa (auto)biográfica permite produzir memória coletiva, criando deslocamentos e abrindo possibilidades de trabalho conjunto entre pesquisadora e participantes do estudo.

Por fim, a partir das narrativas das mestras de capoeira do Estado de São Paulo, consideramos que o protagonismo feminino na capoeira tem potência para deslocar e enfrentar a colonialidade de gênero que invisibiliza e violenta a existência e contribuição de outros corpos não masculinos.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1 ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019.

ARAÚJO, Rosângela Costa. Ginga uma epistemologia feminista. *In* Seminário Internacional Fazendo Gênero 11& 13 Women's Words Congress (**Anais Eletrônicos**), Florianópolis, SC: 14 p. 2017. Disponível em: https://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499469814_ARQUIVO_Gingaepistemologiafeminista.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos**. 17. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2012.

BRASIL. Dossiê. Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Ministério da Cultura**, Brasília, DF, 2007. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%c3%aa_capoeira.pdf. Acesso em: 10 jan. 2020.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO TORRES, Nelson; GROSGO-GUEL, Ramón. Introdução: Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. *In* BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO TORRES, Nelson; GROSGO-GUEL, Ramón (orgs.) **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2019.

LIMA, Norma Silvia Trindade de; MENDES, Jackeline Rodrigues; FERNANDES, Renata Sieiro. Capoeira e educação: pelo movimento, pelas narrativas e pela experiência. **Revista de Educação, Ciências e Cultura**, Canoas, v. 25, n. 2, p. 319- 334, jul/ 2020. DOI: <https://doi.org/10.18316/recc.v25i2.5499>. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/5499>. Acesso em: 21 set. 2021.

LIMA, Norma Silvia Trindade de. Capoeira: interfaces na educação e cultura. *In*: SPIGOLON, Nima I. *et al.* **Tambores, Urucuns e Enxadas: práticas e saberes contribuindo para a formação humana**. Ituiutaba, MG: Barlavento Editora, 2019, p. 248- 261. Disponível em: https://asebabaolorigbin.files.wordpress.com/2019/11/tambores_urucuns_enxadas.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.

LIMA, Norma Silvia Trindade de; MANTOAN, Maria Teresa Egler. Notas sobre inclusão: escola e diferença. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 19, n. 4, p. 824–832, 2017. DOI: <https://doi.org/10.20396/etd.v19i4.8646274>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646274>. Acesso em: 1 fev. 2023.

LUGONES, María. Colonialidad y Género. **Tabula Rasa**. Bogotá- Colombia, N. 9, p. 73- 101, jul.-dic. 2008. Disponível em: <https://www.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2022.

MOMBERGER, Christine Delory-. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17 n. 51, p.523-536, set.-dez. 2012. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782012000300002>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SILVA, Mayris de Paula. **Educação com as mãos no chão: um princípio formativo a partir de mulheres mestras de capoeira no Estado de São Paulo**. 2023. 283 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, SP, 2023.

Contato autora principal:
mayrisps@yahoo.com.br